



Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Departamento de Arqueologia e Antropologia

Licenciatura em Antropologia

**Cuidado nos agregados: uma análise a partir de um grupo de
residentes no bairro de Zimpeto, cidade de Maputo**

Candidata: Elizabete Francisco Betane

Supervisor: Emídio Gune

Maputo, Outubro de 2017

**Cuidado nos agregados: uma análise a partir de um grupo de residentes no bairro de
Zimpeto, cidade de Maputo**

Trabalho de conclusão de curso para obtenção do Grau de licenciatura em Antropologia na
Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane.

O Supervisor

O Presidente

O Oponente

Maputo, Outubro de 2017

Declaração de Originalidade

Declaro que este trabalho de pesquisa é original. O mesmo é fruto da minha investigação, no qual estão indicadas nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Adicionalmente declaro que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente para a obtenção de qualquer grau académico.

Elizabeth Francisco Betane

Maputo, Outubro de 2017

Dedicatória

Este trabalho é dedicado especialmente a minha família e aos meus anjos de guarda.

Agradecimentos

A Deus por iluminar-me. Ao meu supervisor Emídio Gune pelas orientações e sugestões para a realização do trabalho. Aos docentes do curso de Antropologia Departamento de Arqueologia e Antropologia por me proporcionar um espaço de aprendizagem durante os anos da minha formação.

Aos participantes da pesquisa, em especial ao meu primo Edgar e ao chefe do quarteirão 48, do bairro de Zimpeto, pela disponibilidade e paciência.

A minha avó *chará*, por ter-me incentivado a estudar. Ao meu pai Francisco Baciquetane Betane, a minha mãe Anita Jaime Massunganhe, a minha avó Amélia Vilanculos, as minhas irmãs Sandra Betane e Genita Betane, Tatiana Betane e Ângela Betane pelo suporte, apoio e pela força.

Aos meus colegas do curso do ano 2012, em particular a Deolinda Mabote e Agness Almeida minhas companheiras de todas as lutas na faculdade e na residência. Ao Toscano Cole, Belone Devesse, Sheila Dimande, Inok Chiposse, Imerson Cardoso e Imildo Vilanculos, Joaquina pelo suporte e companheirismo.

Aos meus amigos pela motivação e estímulo ao longo desses anos, Bento Nhacua, Susana Junaise, Samuel Zefanias, Fatucha Ártia, Ercília Mapure, Luís Muchina, Estevão Maculuve, Chásia Abdul, Stella Daiane, Jorge Vilanculos e Balta.

A todos muito obrigada, Deus vos abençoe.

Resumo

A pesquisa analisa o cuidado nos agregados entre residentes no bairro de Zimpeto. Na literatura consultada constatei três linhas de discussão. A primeira defende que a permanência dos jovens casados na casa dos pais representa uma quebra da sequência de transição da juventude para a vida adulta, a segunda defende que a permanência dos jovens casados na casa dos pais é uma forma de incorporação de uma família na outra e a terceira defende que as pessoas nas suas relações são responsáveis pelo cuidado uns dos outros.

As primeiras duas linhas de discussão centram a sua análise na casa como elemento principal no desenrolar das relações nos agregados, facto que torna importante saber se as pessoas depois de casadas vivem em casa própria ou se continuam na casa dos pais. Entretanto, ao assumirem a centralidade da casa perdem de vista outros elementos que podem ser importantes nos relacionamentos, nos agregados, para além das casas. Por seu turno a terceira linha de discussão, sobre cuidado, fornece uma base a partir da qual é possível analisar o cuidado nos agregados.

Alinhada com a terceira perspectiva fiz um estudo etnográfico entre alguns residentes no bairro de Zimpeto, na cidade de Maputo e com base nos resultados do estudo percebi que viver em casa dos pais faz parte de uma lógica de cuidado que orienta a vida no contexto dos participantes. No âmbito dessa lógica, os mais velhos, pais ou irmãos, cuidam dos mais novos, filhos ou irmãos e parceiras e os filhos cuidam dos pais em um exercício de ajuda- mútua.

A presente pesquisa permite compreender a centralidade do cuidado, uns dos outros, no quotidiano dos agregados diferentemente dos estudos que encontram na casa como elemento central desses agregados nesse quotidiano.

Palavras-chave: Agregado familiar, cuidado e ajuda- mútua.

Índice

Declaração de Originalidade.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos	iii
Resumo	iv
1. Introdução.....	1
2. Revisão de literatura	3
3. Referencial teórico e conceitual.....	8
3.1. Teoria	8
3.2. Conceptualização	8
4. Procedimentos metodológicos	11
4.1. Método e técnicas de recolha de dados	11
4.2. Técnicas de tratamento e análise de dados	12
4.3. Critério de selecção dos participantes.....	13
4.4. Constrangimentos	13
5. O cuidar nos agregados.....	14
5.1. Localização e caracterização do contexto de pesquisa	14
5.2. Perfil dos participantes.....	15
5.3. Organização das casas.....	16
5.4. O cuidado dos mais velhos para com os mais novos	17
5.5. O cuidar de si e dos outros.....	19
6. Considerações finais.....	25
Referências.....	27

1. Introdução

A presente pesquisa analisa o cuidado nos agregados entre pessoas casadas residentes no bairro de Zimpeto. Meu interesse pelo assunto surgiu de três situações. A primeira situação ocorreu durante a conversa que tive com uma amiga em 2014, no distrito de Vilankulos, província de Inhambane. Nessa conversa ela perguntou se a antropologia como ciência que estuda relações sociais dos indivíduos pode explicar porquê as pessoas casam e continuam a morar na casa dos pais. A pergunta dela resultava do facto de o namorado referir que pretendia continuar a morar na casa dos pais, mesmo depois de casar.

A segunda situação ocorreu em 2015 quando comecei a fazer pesquisas sobre o assunto. Na altura lembrei-me de um primo que mesmo casado continua a morar na casa dos pais com a sua esposa e filha. A terceira situação ocorreu quando assistia ao programa “Chá da tarde”, no Canal de Televisão de Moçambique (TVM2). No referido programa um dos convidados afirmou que, para que um indivíduo de sexo masculino seja considerado homem deve sair da casa dos pais e criar sua própria família. De acordo com o referido convidado, o mesmo com indivíduo de sexo feminino deve casar e ter filhos para que seja respeitada e bem vista na sociedade.

Em todas essas situações havia um interesse nas experiências de jovens que casam e continuam a morar na casa dos pais, o que levou-me a consultar literatura sobre o assunto. Durante a revisão de literatura, primeiro identifiquei duas linhas de discussão. Uma primeira que defende que a permanência dos jovens casados na casa dos pais representa uma quebra da sequência de transição da juventude para a vida adulta (Lins de Barros 2010) e uma segunda defende que a permanência dos jovens casados na casa dos pais é uma forma de incorporação de uma família na outra (Azevedo 2013).

A medida que analisava os dados percebi que um dos aspectos centrais entre os participantes era a questão do cuidado uns dos outros nos agregados, no qual identifiquei a terceira linha de discussão que defende que as pessoas nas suas relações são responsáveis pelo cuidado de si e do outro (Kuhnen 2010).

As primeiras duas linhas de discussão centram a sua análise na casa como elemento principal no desenrolar das relações nos agregados, facto que torna importante saber se as pessoas depois de casadas vivem em casa própria ou se continuam na casa dos pais. Entretanto, ao assumirem a centralidade da casa perdem de vista outros elementos que podem ser importantes nos relacionamentos, nos agregados, para além das casas. Por seu turno a terceira linha de discussão, sobre cuidado, fornece uma base a partir da qual é possível analisar o cuidado nos agregados.

Diante da situação analisei literatura sobre cuidado, umas das outras, que usei para orientar o estudo etnográfico a partir de cinco casais moradores no bairro de Zimpeto. Para analisar o cuidado nesses agregados usei a teoria trazida por Kuhnen (2010) que defende que as pessoas preocupam-se em cuidar umas das outras, assegurando os direitos individuais e da sua integridade no quotidiano, no âmbito das suas relações umas com as outras.

Com base nos resultados do estudo percebi que viver em casa dos pais faz parte de uma lógica de cuidado que orienta a vida no contexto dos participantes, onde os mais velhos, pais ou irmãos, cuidam dos mais novos, filhos ou irmãos e parceiras, e filhos cuidam dos pais em um exercício de ajuda mútua.

O trabalho está organizado em seis partes. Nesta parte a primeira, apresento a introdução e na segunda parte apresento a revisão de literatura. Na terceira parte apresento o referencial teórico e conceitual e na quarta parte os procedimentos metodológicos, incluindo o método e técnicas de recolha de dados para a pesquisa, a seleção dos participantes e os constrangimentos enfrentados durante o processo de pesquisa.

Na quinta parte apresento o contexto da pesquisa, localização e caracterização do local de pesquisa, perfil dos participantes a organização das casas, e a discussão de resultados em duas secções. Na primeira secção analiso a fase em que os pais cuidavam dos filhos, nesta fase mostro como era a vida dos participantes quando eles viviam com os pais e irmãos. E na segunda secção analiso a fase em que os participantes cuidam de si mesmo. Na sexta e última parte apresento as considerações finais do trabalho.

2. Revisão de literatura

Da literatura analisada identifiquei três principais linhas de discussão, a primeira defende que a permanência dos jovens casados na casa dos pais representa uma quebra da sequência de transição da juventude para a vida adulta (Lins de Barros 2010), a segunda defende que a permanência dos jovens casados na casa dos pais é uma forma de incorporação de uma família na outra (Azevedo 2013) e a terceira defende que as pessoas nas suas relações são responsáveis pelo cuidado de si e dos outros (Kuhnen 2010).

Um dos autores que subscreve a linha é Lins de Barros (2010) que defende que a permanência dos jovens casados na casa dos pais representa uma quebra da sequência de transição da juventude para a vida adulta. Para o autor a passagem da juventude para a vida adulta é interpretada como um processo de transição de projectos de vida, aprimoramento de si, aquisição de especializações profissionais e de relações amorosas, por via da escolarização (Lins de Barros 2010).

A escolarização permite a conquista de autonomia e de independência financeira dos indivíduos, na medida em que adquirem níveis de maturidade validados e exaltados socialmente e culturalmente como a possibilidade de sair da casa parental, trabalhar, ser independente financeiramente, casar e ter filhos (Lins de Barros 2010).

Lins de Barros (2010) relaciona a independência financeira com a responsabilidade individual com a família e os filhos, e os indivíduos podem ser jovens e adultos simultaneamente na medida em que o indivíduo tem independência financeira e ao morar na casa dos pais torna-se dependente dos pais.

A referida análise de Lins de Barros (2010) permite perceber que se por um lado a permanência dos jovens casados na casa dos pais representa uma quebra da sequência de transição da juventude para a vida adulta, por outro lado é uma forma de tornar os indivíduos jovens e adultos simultaneamente. Contudo, fica por explicar como os indivíduos podem tornar jovens e adultos simultaneamente.

Uma concepção similar de Lins de Barros (2010) é apresentada por Bunge (2012) ao defender que os factores que contribuem para o prolongamento da permanência dos jovens casados na casa dos pais são a dependência dos pais, sua imaturidade, passividade e insegurança.

Autores como Cerveny e Berthoud (2002), Henriques, Jablonski e Feres-Carneiro (2004) citados por Bunge (2012) analisam a saída dos jovens casados para formar uma nova família e casa como um marco da vida do indivíduo, pois representa um movimento de separação dos pais, de assumir o lugar de marido e de ingressar em uma nova etapa do desenvolvimento da maturidade adulta. A referida análise permite perceber que por um lado, a dependência, imaturidade e insegurança dos jovens casados quebra o processo de transição da juventude para a vida adulta e, por outro, deixa por compreender os jovens impedidos de sair de casa dos pais para suas próprias casas.

A linha de discussão dos autores acima apresentados segundo a qual a permanência dos jovens casados na casa dos pais é uma quebra da sequência de transição da juventude para a vida adulta, permite perceber por um lado que a insegurança, dependência e imaturidade dos jovens impedem os de tornar adulto, e por outro lado, ficam por compreender outros cenários nos quais filhos permanecem na casa dos pais.

Diferentemente da primeira, a segunda linha de discussão defende que a permanência dos jovens casados na casa dos pais é uma forma de incorporação de uma família na outra. Um dos autores que subscreve esta linha é Azevedo (2013), para este os filhos jovens recém-casados não saem da casa dos pais porque querem incorporar uma nova família junto dos pais. Esta explicação permite compreender que nesse contexto não há necessidade de saírem porque, por um lado um casamento corresponde uma incorporação de uma família na outra e por outro lado evita situações em que os recém-casados sofram de fome na nova casa. Entretanto fica por explicar situações de famílias com espaços maiores para habitar.

Diferentemente de Azevedo (2013), Da Costa (2015) afirma que situações dos filhos jovens recém-casados permanecerem na casa dos pais são descritas como características das áreas de

fazendas não comerciais, onde a terra é abundante e controlada por poucos proprietários. Esta explicação permite compreender contextos onde os jovens casados permanecem na casa dos pais resultado do alargamento de terras, entretanto fica por compreender a permanência de jovens casados na casa dos pais localizadas nas cidades.

De acordo com Silveira e Wagner (2006) citados por Mosmann e Heckler (2014), na actualidade, o motivo dos filhos casados apresentarem uma dificuldade de sair de casa dos pais é a falta de emprego e por não desejarem perder o conforto da casa dos pais. A posição de Silveira e Wagner (2006) citados por Mosmann e Heckler (2014) permite perceber que a sujeição dos jovens casados aos pais e família de origem resulta do desemprego, mas perde de vista situações em que os jovens têm emprego e boas condições financeiras, mas continuam a morar na casa dos pais.

De acordo com Vieira e Rava (2012) as análises segundo as quais a permanência dos jovens recém-casados nas casas dos pais é descrição do casamento, do conforto, submissão aos pais e desemprego permitem compreender que os jovens demonstram dificuldades para fortalecer a sua individualização e serem adultos, devido a dependência financeira dos pais. Contudo, Vieira e Rava (2012) defendem que o fenómeno da permanência dos adultos jovens na casa dos pais, denominado “ninho cheio” ou “geração canguru”, acontece quando o adulto jovem reside com sua família de origem, sem libertar-se financeiramente e afectivamente de seus pais. A partir desta análise percebi que a união de duas famílias por via de casamento de jovens é uma forma de prover a permanência dos mesmos na casa dos pais.

Situação similar é partilhada por Grum e Salaj (2016) para quem os jovens adultos ao permanecerem a viver com as suas famílias e partilhar os mesmos espaços não o fazem por solidariedade de cuidar dos pais, mas devido a processos sociais e culturais, mudanças económicas, políticas e demográficas que regulam a vida da sociedade, como falta de espaço nas zonas urbanas para adquerir novas casas, a falta de dinheiro, falta de financiamento para jovens adultos por parte do governo.

A explicação de Grum e Salaj (2016) permite perceber que os jovens vivem com as suas famílias compartilhando mesmos espaços domésticos por longo período de tempo por falta de financiamento do estado para os jovens adultos para aquisição de casa própria nas zonas urbanas.

Uma situação complementar a de Grum e Salaj (2016) é apresentada por Handelman-Shangar e Belkin (1984) para quem o uso de espaços e os padrões de alocação de espaço dentro da casa são importantes para a estrutura do poder da família e para manter a ordem da mesma. Por sua vez o espaço dentro da unidade habitacional é visto como um recurso que a família usa para unir os seus membros e também como um mecanismo para transmitir mensagens de socialização. A partir desta explicação percebi que a casa é vista como o elemento principal para unir a família, criar laços e transmissão de conhecimentos.

Com um olhar centrado na questão do cuidado nos agregados Kuhnen (2010) afirma que as pessoas nas suas relações cuidam umas das outras, devido a capacidade que tem de unificação do ser a partir dos laços e papéis sociais. Com uma posição complementar a de Kuhnen (2010), Noddings (1984) afirma que as pessoas no âmbito das suas relações do cuidado moral preocupam-se em assegurar os direitos individuais e da sua integridade.

Com uma posição similar a de Noddings (1984), Pintassilgo (2000), considera o cuidado como um exercício de responsabilidade, ou modo de ser e estar dos homens uns com os outros e que implica que um assume responsabilidade sobre o outro, posição subscrita por Carol Gilling (1982).

Com uma posição diferente a de Pintassilgo (2000), Martins (2009) explica que no modo-de-ser-cuidado existe uma relação entre o cuidador e a pessoa que precisa de cuidados. Para cuidar do outro, é preciso ver o ser humano de forma completa, integral e a relação com os outros e com o mundo.

De modo geral, as referidas linhas de discussão centram a sua análise na casa como elemento principal no desenrolar das relações nos agregados, facto que torna importante saber se as pessoas depois de casadas vivem em casa própria ou se continuam na casa dos pais. Entretanto,

ao assumirem a centralidade da casa perdem de vista outros elementos que podem ser importantes nos relacionamentos, para além das casas. E a terceira discussão fornece uma base a partir da qual é possível analisar o cuidado nos agregados.

3. Referencial teórico e conceitual

3.1. Teoria

No geral a literatura sobre cuidado em antropologia é centrada na ética do cuidado (Martins, 2009), no cuidado de enfermos (Martins, 2009), de pessoas da terceira idade (Martins, 2009) ou de crianças (Martins, 2009). Apesar de esses enfoques diferirem daquele tomado neste trabalho, sobre o cuidado nos agregados, a referida literatura fornece bases para compreender a centralidade do cuidado na relação entre as pessoas, razão pela qual recorri a ela para analisar a questão do cuidado nos agregados.

Assim, na presente pesquisa para analisar o cuidado entre residentes no bairro do Zimpeto usei a perspectiva trazida por Kuhnen (2010) que defende as pessoas preocupam-se em cuidar umas das outras, assegurando os direitos individuais e da sua integridade no cotidiano no âmbito das suas relações umas com outras.

A perspectiva de Kuhnen (2010) permitiu-me perceber que, nos agregados as pessoas nas suas relações e interações umas com as outras são responsáveis pelo cuidado de si e dos outros, cuidado esse bastante valorizado no seu cotidiano.

3.2. Conceptualização

Na presente pesquisa uso os conceitos agregado familiar, ajuda mútua e cuidado.

Ajuda mútua

O Codê rural Francês (art. L. 3251 e seguintes), citado por Sabourin (2006) define ajuda mútua como uma convenção na qual existe uma reciprocidade de obrigações. Para Sabourin (2006) a definição trazida pelo Codê rural Francês permite perceber que quando há uma ajuda mutua e um intercâmbio de serviços com caracter de reciprocidade.

Neste estudo uso o conceito de ajuda mútua para referir-me a intercâmbio de serviços com caracter de reciprocidade.

Cuidado

Noddings citado por Kuhnen (2010) define cuidado como princípios e normas de tomada de decisões baseadas em noção de justiça, respeito a direitos individuais e universais e nos tratamentos entre as pessoas. Para Kuhnen (2010) a definição de Noddings, permite perceber que as pessoas nas suas tomadas de decisões individuais assim como universais têm que ter em conta os princípios de cuidar de si e do outro como uma responsabilidade. Contudo, compreendi que as pessoas durante as suas relações dão atenção nas suas necessidades e saúde das outras, como forma de cuidar.

Com uma definição similar a de Noddings citado por Kuhnen (2010), Martins (2009) define cuidado como uma preocupação que o homem tem com o outro e com o seu bem-estar. A partir da sua definição, Martins (2009) explica que as pessoas cuidam umas das outras, em termos de saúde física, emocional, sociocultural e espiritual. O cuidado do outro é compreendido por Martins (2009) como parte do cuidado do corpo e da satisfação de necessidades exteriores e interiores de cada pessoa. O conceito permite compreender que cuidado é preocupar-se com as coisas, cuidar o outro como si fosse cuidar de si mesmo. Deixam de lado a idéia do cuidado como algo recíproco.

Uma idéia diferente dos autores acima mencionados é trazida por Pintasilgo citado por Borges-Duarte (2010) que define cuidado como um exercício ou prática da responsabilidade, enquanto princípio de acção dos homens. Por seu turno Borges-Duarte (2010) define cuidado como um exercício da responsabilidade, ou modo de ser e estar dos homens uns com os outros. O conceito de cuidado na visão de Borges-Duarte (2010) permite perceber que as pessoas supervisionam ou controlam as actividades quotidianas das outras.

Na presente pesquisa uso o conceito de cuidado proposto por Borges-Duarte (2010) para designar o exercício da responsabilidade, ou modo de ser e estar dos Homens uns com os outros.

Agregado familiar

De acordo com Bryceson citado por Bernard da Costa e Rodrigues (2007) agregado familiar é uma identidade colectiva formada por um grupo de indivíduos unidos pelo acesso comum de recursos característicos como rendimentos, cozinha ou residência. A referida definição permite compreender agregado familiar como uma união de indivíduos que se identificam como unidos pelos seus padrões de vida.

Uma visão diferente de Bryceson, citado por Bernard da Costa e Rodrigues (2007), é apresentada por Cabral (1991) para quem o agregado familiar é um conjunto de pessoas ou estrutura de parentesco na qual estão integrados ascendentes, colaterais e descendentes de um grupo. Este grupo que forma uma estrutura de parentesco reside na mesma casa independentemente de ser ou não da mesma família.

Neste trabalho defino agregado familiar como uma estrutura de parentesco formada por pessoas que vivem na mesma casa, independentemente de serem ou não da mesma família.

4. Procedimentos metodológicos

Nesta secção apresento o método e as técnicas adoptadas na realização da presente pesquisa. Realizei a pesquisa em três etapas. Na primeira etapa fiz a revisão de literatura, na segunda recolhi dados etnográficos e na terceira analisei os dados.

Na revisão de literatura identifiquei e analisei temas relacionados com pessoas casadas a sua permanência na casa dos pais, e cuidado nos agregados. Para o efeito consultei monografias, artigos, dissertações, na Biblioteca Central Brazão Mazula, nas Bibliotecas do Departamento de Arqueologia e Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane e da Universidade São Tomás e na internet.

Na segunda etapa recolhi dados nos quarteirões 10, 35 e 48, do bairro de Zimpeto, na cidade de Maputo. Esta etapa decorreu de Novembro de 2015 até Dezembro de 2016. Nesta etapa trabalhei com cinco casais com idade compreendida dos 21 a 72 anos de idade, residentes do bairro de Zimpeto.

Na terceira e última etapa organizei e analisei os dados. A etapa da análise de dados decorreu de Setembro de 2016 até Outubro de 2017.

4.1. Método e técnicas de recolha de dados

O presente estudo é de carácter etnográfico exploratório. O uso do método etnográfico possibilitou-me fazer uma imersão no contexto onde estudei com a intenção de compreender e conhecer melhor o local de pesquisa. Para a recolha de dados usei como técnicas a observação directa, conversas informais e entrevistas semi-estruturadas.

Fiz a observação nas casas dos participantes, no bairro do Zimpeto, nas tardes dos finais de semana. Nas casas dos participantes observei a organização das casas e convivência dos residentes das mesmas. As observações feitas nas casas onde moram os participantes permitiram perceber a organização das casas, o seu modo de vida, as relações que tinham uns com os outros e as tarefas desempenhadas por cada um deles.

Quanto as conversas informais, conversei com dez participantes casados que moram em suas casas e nas casas deixadas pelos pais ou partilham a casa com os pais ou sogros. Com eles conversei sobre as suas experiências de vida. Nas referidas conversas contavam a sua história de vida, suas trajectórias pessoais e profissionais, como conheceram-se, como passaram a viver juntos, seu dia-a-dia e seus projectos de vida.

As conversas decorreram nas tardes dos finais de semana, nas casas dos participantes e tinham uma duração aproximadamente duas horas de tempo. Essas conversas informais permitiram criar confiança entre o pesquisador e os participantes e compreender como era a vida dos participantes antes e depois de casar.

Quanto as entrevistas, entrevistei dez participantes que moram em suas casas e nas casas deixadas pelos pais ou partilham a casa com os pais ou sogros. A cada entrevista durava aproximadamente uma hora por cada participante. Esta técnica permitiu aprofundar as informações sobre como era a vida dos informantes antes e depois de casar.

4.2. Técnicas de tratamento e análise de dados

Durante a pesquisa recorri a um diário de campo para registar o que via e acontecia no campo bem como anotar as conversas, entrevistas e as observações. Adicionalmente, usei o telemóvel para gravar as conversas e entrevistas.

Concluídas as gravações, escutava e transcrevia para o meu caderno de notas, que lia constantemente com o objectivo de encontrar aspectos comuns, encontradas questões registava para perguntar quando chegasse ao campo. Esta técnica possibilitou-me melhor retenção da informação.

Encontrados os aspectos em comum, criei tópicos que organizei em duas secções sobre o cuidado dos agregados, a partir de pessoas residentes no bairro de Zimpeto.

4.3. Critério de selecção dos participantes

Para a selecção dos participantes da pesquisa usei a técnica de bola de neve. Onde cada participante indicava o outro com um perfil semelhante e a fim de participar na pesquisa.

Depois de conversar com Edgar, meu primo que é casado e vive na casa deixada pelos pais ele ligou para um amigo que vive uma história semelhante e apresentou-me a aquele que aceitou participar do estudo. Aquele apresentou-me o participante seguinte que apresentou-me o último participante. A partir desses participantes falei com as parceiras e outras pessoas da família.

4.4. Constrangimentos

No âmbito do processo da realização da pesquisa tive três momentos constrangedores no campo. O primeiro constrangimento foi o medo que tive de aproximar-me e iniciar a conversa com os participantes nos primeiros dias de pesquisa, não sabia como iniciar a conversa. Para ultrapassar fiz um guião de perguntas que levava sempre comigo ao campo.

O segundo constrangimento foi o facto de a esposa de um dos participantes ter achado que eu estava a espiar a casa e que tivesse um relacionamento com o marido dela. Essa situação, numa fase inicial, dificultou a recolha de dados porque ela sentia-se incomodada com a minha presença em sua casa e mal falava comigo. Para ultrapassar a desconfiança passei a frequentar a casa dela acompanhada pela esposa do meu primo que é uma pessoa conhecida dela e deste modo ela ficou mais a vontade para conversar e consegui recolher os dados.

O terceiro constrangimento foi o facto de ter conversado apenas com pessoas que continuam a viver na casa deixada pelos pais e na casa dos pais mesmo depois de casados. Desde modo perdi a oportunidade de conversar com pessoas que viveram na casa dos pais ou por estes deixadas, mas, depois passaram a viver em suas próprias casas e de ter conversado com todos os pais dos participantes. Assim, o argumento apresentado neste projecto é baseado na informação recolhida entre esse grupo com o qual trabalhei.

5. O cuidar nos agregados

Na presente secção do trabalho apresento os dados em quatro partes. Na primeira parte apresento a caracterização do local, na segunda parte apresento o perfil dos participantes, na terceira descrevo como estão organizadas as casas onde os participantes moram e na quarta e última parte apresento e analiso os dados da pesquisa em duas secções.

Na primeira secção analiso a fase em que os pais cuidavam dos filhos, nesta fase mostro como era a vida dos participantes na fase em que os mais velhos pais ou irmãos cuidavam dos mais novos. E na segunda secção analiso a fase em que os participantes cuidam de si mesmo e como alargam fontes para continuar a cuidar da casa.

5.1. Localização e caracterização do contexto de pesquisa

Na presente parte da pesquisa caracterizo o local de pesquisa. A presente pesquisa foi realizada nos quarteirões 10, 35 e 48 localizados na Avenida Nelson Mandela, próximo a Escola Secundária Quisse Mavota. Estes quarteirões pertencem ao bairro de Zimpeto localizado no Distrito municipal Kamubukwana, na cidade de Maputo (Conselho Municipal de Maputo 2010).

Os quarteirões 10, 35 e 48 localizadas no bairro de Zimpeto, possuem estradas estreitas, alcatroadas e de terra batida.

Quanto a serviços públicos e privados existe uma clínica dentária, uma farmácia, loja de roupas e cosméticos de beleza, duas creches, duas escolas públicas, um campo de futebol, dois ginásio e salões de beleza e um hospital.

Quanto ao comércio existem contentores que vendem produtos alimentares e barracas em algumas casas que vendem produtos diversos.

5.2. Perfil dos participantes

Nesta parte apresento o perfil dos participantes da pesquisa.

Nº do casal	Nome e Idade	Ocupação	Escolaridade	Estado civil	Residência e quarteirão	Membros da família
1	Edgar, 26	Canalizador	Básico	União de facto	Zimpeto, 48	5
	Leia, 23	Activista	Básico			
2	Estevão, 28	Taxista e Fotógrafo	Médio	Casado	Zimpeto, 10	7
	Nilsa, 21	Revendedora	Médio			
3	Manuel, 24	Técnico de refrigeração	Ensino técnico	União de facto	Zimpeto, 48	8
	Mércia, 21	Estudante	Médio			
4	Zefanias, 30	Arquitecto	Médio	União de facto	Zimpeto, 35	6
	Shelly, 25	Estudante	Superior			
5	Julião, 72	Camponês	Primário	União de facto	Zimpeto, 48	5
	Carolina, 65	Camponesa	Analfabeta			

No geral os participantes moram no bairro do Zimpeto, nos quarteirões 10, 35 e 48. Os de sexo masculino têm idade que varia dos 24 aos 72 anos, e os do sexo feminino dos 21 aos 65 anos idade.

Em termos de estado civil, dos cinco casais participantes na pesquisa, os quatro vivem uma relação de união de facto. E apenas um casal realizou o casamento civil.

Quanto ao nível de escolaridade varia de nível básico á superior, os homens apresentam nível de escolaridade superior que as mulheres.

5.3. Organização das casas dos participantes

Nesta parte apresento a composição das casas dos participantes.

O Edgar vive numa casa cuja vedação é feita de espinhosa e um portão de chapas de zinco. No quintal existem três casas, uma principal com quatro compartimentos, duas salas, dois quartos, e outras duas casas com dois compartimentos, uma sala e um quarto para cada.

A casa principal, com quatro compartimentos, é ocupada pelos pais do Edgar. O Edgar ocupa um quarto anexo à casa principal. As outras duas casas com dois compartimentos pertecem aos irmãos que trabalham na África do Sul. Os compartimentos são disponibilizados para visitas em certas ocasiões. O sobrinho do Edgar ocupa uma das casas dos tios.

Uma descrição similar a residência de Edgar é a de Estêvão. Ele vive em uma casa cuja vedação é feita de espinhosa, verifiquei a existência de três casas, uma principal de dois quartos, uma sala e uma varanda. A segunda casa tem dois quartos e uma terceira ainda em construção de um quarto, uma sala e uma casa de banho.

A casa principal é ocupada pelos pais do Estevão e as irmãs. A outra casa de dois quartos é ocupada pelo irmão, e a terceira casa de um quarto, uma sala, e uma casa de banho ainda em construção, é ocupada pelo Estevão.

A casa onde reside Manuel tem uma vedação feita de espinhosa. No quintal existem duas casas, uma maior com dois quartos e uma sala, e outra com dois quartos. Na casa maior um dos quartos

é ocupado pela mãe do Manuel e o outro pela irmã mais velha e os filhos. E a outra casa de dois quartos e uma sala é ocupada pelo Manuel e seu irmão.

Diferentemente das descrições das casas dos participantes acima mencionadas, Zefanias vive na casa dos sogros junto com sua esposa, seu filho e a cunhada. A vedação da casa é feita de um muro de blocos, pintado a branco e com um portão pintado a castanho.

No interior do quintal existem três casas. Uma principal de quatro quartos, duas salas uma de estar e uma de jantar, uma cozinha, duas casas de banho. A outra casa é de um quarto, uma sala e uma casa de banho, e a terceira tem dois quartos.

Na casa principal um dos quartos é ocupado pelos sogros. O mesmo possui uma casa de banho dos sogros do Zefanias, o outro quarto é ocupado pela cunhada do Zefanias e o outro pelo filho e usam a outra casa de banho da casa. O outro quarto é disponibilizado para visitas.

O Zefanias e sua esposa ocupam a segunda casa. A mesma possui um quarto, uma sala, e uma casa de banho e na terceira casa de dois quartos, um dos quartos é ocupado pela empregada da família. O chão do quintal é coberto de relva e enfeitado por plantas e um jardim com uma sombra. Ao lado da casa que pertence a empregada tem uma casinha para cão, uma casa de banho e uma casinha para guarda.

Alguns participantes vivem em casa dos pais juntos com os pais, irmãos, esposa, filhos e sobrinhos, outros os pais saíram para viver em espaços maiores para fazer negócio de machambas, mais continuam a manter o vínculo de proximidade entre ambos.

5.4. O cuidado dos mais velhos para com os mais novos

Nesta secção analiso como era a vida dos participantes quando eles viviam com os pais e irmãos. Os participantes sempre viveram com os pais e seus familiares, como podemos observar em alguns dos exemplos que apresento a seguir,

O meu ensino primário até a minha formação na UGC, os meus pais pagavam todas as minhas despesas como a compra de material escolar, roupas, alimentação, cuidavam da minha saúde e dos meus irmãos, meu pai trabalhava na matola na empresa dos Cimentos de Moçambique, minha mãe passava todo tempo em casa a cuidar de mim e dos meus irmãos (Manuel, 24 anos de idade, técnico de refrigeração, residente no bairro de Zimpeto, conversa em casa do Edgar, 08.10.2016).

A partir do exemplo do Manuel percebi que os seus pais cuidaram dele e pagaram os seus estudos até a sua formação na União Geral de Cooperativas (UGC) como técnico de refrigeração, seu pai pagava as suas despesas escolares e da casa como pagar água, energia, alimentação e comprar material escolar e ainda cuidava da sua saúde. A mãe dele ocupava o tempo a cuidar dos filhos, participava em reuniões da escola e cuidava dos filhos em casos de doença. A seguir apresento outro exemplo de cuidado partilhado por Edgar,

Os meus pais e irmãos mais velhos cuidavam da minha saúde e da minha educação, pagavam todas as minhas contas, compravam roupas e material escolar (Edgar, 26 anos de idade, canalizador, residente no bairro de Zimpeto, entrevista em casa da minha avó, 10.09.2016).

A explicação do Edgar permite perceber que ele vivia com os seus irmãos e pais, eles cuidavam dele, no que refere a saúde, as contas da escola e na sua alimentação. O exemplo que segue é partilhado pelo Julião e mostra que os irmãos do Edgar cuidavam dele,

O Edgar tem irmãos que gostam muito dele, eles sempre preocupavam-se em pagar a sua matrícula na escola, comprar uniforme, e dar lanche, ele tem irmãos muito mais velhos que ele e o tratam como filho. Em cada fim do semestre iam para sua escola saber do seu aproveitamento escolar e seu comportamento (Julião, 72 anos de idade, camponês, residente no bairro de Zimpeto, conversa em sua casa, 09.12.2016).

Com esta explicação, percebi que os irmãos do Edgar pagavam as contas da escola, compravam uniforme e acompanhavam o seu aproveitamento escolar o que permite compreender que era cuidado pelos irmãos mais velhos, o que permite compreender a centralidade do cuidado dos

mais velhos para com os mais novos. A seguir apresento outro exemplo de cuidado dos mais velhos para com os mais novos,

Meus pais dizem que temos que ficar aqui, porque estaremos mais próximos deles e cuidarão de mim do meu esposo e do meu do filho e assim poderei continuar com os meus estudos. Junto com o meu marido achamos melhor ficar em casa dos meus pais do que arrendar uma casa o que sairia mais caro. (Shelly, 25 anos de idade, estudante, residente no bairro de Zimpeto, entrevista semi-estruturada em casa dos pais, 12.12.2016).

A Shelly vive em casa dos pais com a irmã de dezoito anos, seu esposo de trinta anos e um filho de cinco anos de idade, os pais cuidam deles, o que permite perceber que é cuidado pelos pais e sente-se segura ao estar próxima aos pais junto com o seu esposo e filho.

Com base nos dados analisados nesta secção percebi que os participantes viviam na casa dos pais, com os próprios pais ou com os seus irmãos. Durante esse período os mais velhos pagavam as contas dos mais novos desde a alimentação, a compra de material escolar e ainda cuidavam deles em caso de doença.

Esse cenário leva-me a considerar que os mais velhos cuidavam dos mais novos, fossem eles filhos ou irmãos, como refere (Martins 2009) as pessoas cuidam umas das outras, em termos de saúde física, emocional, sociocultural e espiritual.

5.5. O cuidar de si e dos outros

Nesta secção analiso o momento que os participantes começam a pagar as suas contas, a cuidar de si e dos outros, e ainda procuram alargar outras fontes de renda para o auto-sustento como podemos observar em alguns exemplos que apresento a seguir,

Comecei a trabalhar cedo fazia alguns biscoitos na zona, quando frequentava a oitava classe tive que passar para o curso noturno porque durante o dia tinha que trabalhar para poder ter dinheiro e pagar as minhas contas porque meus irmãos já não conseguiam mandar sempre

dinheiro para mim e fazer as despesas da casa. (...) Meus pais vivem na sua machamba, quando faço alguns trabalhos a primeira preocupação é pagar todas as minhas contas e da casa desde a compra de comida, pagar água, energia e escolinha da minha filha, ainda dou algum valor aos meus pais quando posso (Edgar, 26 anos de idade, canalizador, residente no bairro de Zimpeto, conversa em casa dos pais, 10.09.2016).

A explicação permite compreender que o Edgar vive na casa dos pais. Passou para o curso nocturno porque durante o dia faz trabalhos na área de carpintaria e canalização, com o dinheiro que ganha ao fazer os seus trabalhos ajuda nas despesas da casa como pagar água, energia e comprar comida e assim cuida da casa.

Diante desta situação percebi que com o dinheiro ganho o Edgar, começa a contribuir para as despesas da casa, não só para ajudar os pais e os irmãos, mas também para cuidar de si da esposa e da filha. O facto de o Edgar contribuir para as despesas da casa permite perceber que ele começa a cuidar de si e dos outros membros da família. A seguir apresento o exemplo partilhado por Estevão,

Quando eu estava na nona classe meu cunhado que casou a minha irmã mais velha ofereceu-me uma máquina fotográfica, usava-a para tirar fotos com os meus colegas. Depois de um tempo passei a usar a máquina para ganhar dinheiro e para cada fotografia que tirava aos meus colegas da escola cobrava um valor, e assim ganhava dinheiro para comprar uma e outra coisa. (...) Como filho homem mais velho tenho que cuidar dos meus irmãos. Actualmente meus pais vivem na Manhiça a fazer negócios e voltam para casa em cada final do mês com algum valor para as despesas da casa, nem com isso não fico de braços cruzado procuro fazer alguma para ajudar os meus pais porque além de cuidar dos meus irmãos tenho que cuidar da minha esposa e da minha filha (Estevão, 28 anos de idade, casado, taxista e fotógrafo residente no bairro de Zimpeto, conversa em casa de Edgar, 18.09.2016).

A explicação permite compreender que o Estevão vive com três irmãos mais novos, sua esposa e sua filha de dois meses. Na ausência dos pais cuida dos referidos irmãos da sua esposa e da filha. Para ganhar dinheiro trabalha como fotógrafo profissional e presta serviços em casamentos e

festas no bairro e fora do mesmo. Para além de fazer trabalho de fotógrafo o Estevão é taxista. Com dinheiro ganho tira algum para ajudar os pais a cuidar da família e a pagar terreno que esta a adquirir em prestações. Desta forma percebi que o Estevão já começa a participar nas despesas da casa como a compra comida, pagar água, energia, e cuidar dos seus irmãos mais novos. Outra situação é apresentada por Manuel que apresento a seguir,

Depois de perder meu pai, nos últimos dois anos da minha formação passei a pagar as minhas propinas mensais no instituto, para tal tive que começar a fazer alguns trabalhos na zona, na área de electricidade porque não podia parar de estudar. (...) Em casa todos procuramos fazer alguma coisa para ajudar nas despesas, minha mãe faz negócios no Zimpeto junto com minha irmã, eu em casa compro comida em cada final do mês para todos com ajuda da minha mãe, água e energia outros meus irmãos pagam (Manuel, 24 anos de idade, técnico de refrigeração, residente no bairro de Zimpeto, conversa na sua residência, 08.10.2016).

A explicação do Manuel permite compreender que com a perda do seu pai para além de estudar trabalha, e com o dinheiro ganho contribui para pagar as suas propinas e algumas despesas da casa, visto que o valor que a mãe fazia diariamente com a venda de verduras no Mercado grossista de Zimpeto é insuficiente para pagar todas as despesas da casa e dos filhos. No que refere a distribuição das despesas o Manuel compra comida no final de cada mês e diariamente deixa dinheiro para a compra de pão. A sua mãe e os outros irmãos compram energia e água.

Diante desta situação percebi que com a perda do pai o Manuel começa a pagar as suas contas escolares, cuidar de si, dos irmãos e ajuda a mãe com as despesas da casa, o que permite perceber que há uma ajuda mútua entre eles no que refere ao cuidado. A seguir apresento outro exemplo de cuidado de si,

Quando eu estava no terceiro ano da faculdade fazia trabalhos para colegas e cobrava algum valor, em coordenação com meu amigo que trabalha em Kuwait passei a vender alguns acessórios masculinos para colegas da residência e da faculdade. Com o valor das vendas dava para tomar umas cervejinhas nos finais de semana com os meus amigos porque o valor que meus pais mandavam dava para despesas escolares por isso optei em fazer negócio. (...)

Actualmente vivo em casa dos meus sogros e tenho um terreno na Matola e estou a construir e trabalho na Traçus Arquitectos Lda (Zefanias, 30 anos de idade, arquitecto, residente no bairro de Zimpeto, entrevista semi-estruturada em casa dos sogros, 10.12.2016).

A explicação do Zefanias permite perceber que além do valor que os pais mandavam no fim de cada mês, ele fazia alguns trabalhos da escola para alguns colegas e vendia perfumes e relógios para colegas da faculdade e da residência onde morava. E com dinheiro ganho comprava roupas, sapatilhas e saía com os amigos para beber nos finais de semana, visto que o valor que os pais mandavam só chegava para pagar as contas escolares.

O Zefanias vive em casa dos sogros com a esposa e a filha, trabalha como arquitecto na empresa Traçus Arquitectos Lda. Com o seu salário compra alguns bens pessoais como carros, relógios, paga a faculdade da esposa e investe na construção da sua casa. Diante da situação partilhada pelo Zefanias percebi que apesar de viver na casa dos sogros começa a ter responsabilidade de cuidar de si e da família. O exemplo que apresento a seguir é partilhado pela Shelly,

Quando eu frequentava a décima primeira classe apresentei meu namorado aos meus pais. Por vezes ficava em casa dele antes dele vir morar aqui em casa dos meus pais, eu ficava duas semanas no máximo porque minha mãe obrigava-me a voltar para casa. Quando fiquei grávida a rotina era a mesma ia para casa dele por um tempo e voltava para casa até que lhe convidaram a vir morar aqui em casa, temos um terreno e estamos a construir. (...) Além de estudar faço doces e salgados, uso as redes sociais para fazer as publicidades das coisas que faço e assim as pessoas me procuram para fazer encomendas minha ambição é ver negócio crescer e para tal invisto mais no negócio, compro algumas coisas que me agradam para mim, meu filho, irmã, marido e meus pais (Shelly, 25 anos de idade, estudante, residente no bairro de Zimpeto, conversa em casa dos pais, 12.12.2016).

A explicação permite compreender que para ter a filha por perto a mãe optou em convidar o esposo a viver em sua casa. Além de estudar, a Shelly faz doce e salgados e vende por encomendas para pessoas que procuram os seus serviços, com o dinheiro ganho das vendas dos

doces e salgados usa para investir mais no seu negócio, e compra bolsas para ela, a mãe e a irmã, roupas para o filho.

Diante desta situação percebi que a Shelly com o dinheiro que ganha dos negócios compra presentes para si e para a sua família e assim revela formas de cuidar de si e dos outros. A seguir apresento outro exemplo de cuidado como forma de alargar outras fontes de renda,

Edgar é mais novo de todos os meus filhos ele não pode sofrer, as meninas casaram e estão em seus lares, os três mais velhos estão a trabalhar e a viver na África do Sul, se o Edgar sair daqui quem vai cuidar da casa? Esta casa lhe pertence e é da sua responsabilidade e da esposa cuidar dela? Eu e meu marido vivemos na machamba longe da cidade para garantir comida para nossos filhos (Carolina, 65 anos de idade, camponesa, residente no bairro de Zimpeto, conversa em sua casa, 09.12.2016).

A explicação da mãe do Edgar permite perceber que como forma de alargar as fontes de renda saíram a procura de um espaço maior para fazer machamba em Vundissa Distrito de Boane e cuidar dos filhos com ajuda do Edgar que cuidar da casa na cidade. A seguir apresento outro exemplo partilhado por Estevão,

Meu avô quando era vivo sempre dizia que esta casa pertence a mim e ao meu irmão como sendo filhos homens, quando casei meus pais fizeram a questão de recordar-me que o meu avô sempre dizia, por isso em memória ao meu avô tenho que ficar aqui cuidar dos meus pais, da casa, dos meus irmãos, minha filha, esposa e honrar o pedido do meu avô. A partir dos trabalhos que faço de taxista e fotógrafo compro o necessário para casa e invisto na minha na construção da minha casa que tenho aqui em casa dos meus pais e a pagar um terreno que estou a adquirir em prestações (Estevão, 28 anos de idade, casado, taxista e fotógrafo residente no bairro de Zimpeto, conversa em casa de Edgar, 18.09.2016).

A explicação do Estevão permite compreender que por um lado olha para casa como um espaço seguro para viver, e cuidar da sua família, por outro lado ele continua a morar em casa dos pais e manter boas relações de cuidado com a sua família e honrar o pedido do avô e para continuar a

cuidar da casa arranjou outros meios para garantir o auto-sustento. A outra situação é apresentada pela Nilsa,

Quando casamos meus sogros saíram para viver em Manhiça onde fazem negócios e ajudam-nos a cuidar da casa comprando comida. Eles dizem que temos que ficar aqui porque a casa nos pertence e meu marido como mais velho deve cuidar dos irmãos mais novos e da casa (Nilsa, 21 anos de idade, revendedora, residente no bairro de Zimpeto, entrevista semi-estruturada em casa dos sogros, 24.09.2016).

A partir do exemplo da Nilsa percebi que como forma de alargar as fontes de renda, os sogros saíram para morar em outra casa maior em Manhiça onde fazem negócio de venda de carvão e lenha e com o dinheiro ganho ajudam na compra de comida em cada final do mês.

A partir dos dados analisados nesta secção percebi que os participantes fazem trabalhos e com o dinheiro ganho cuidam de si, dos parceiros, dos filhos, dos pais e dos irmãos e pagam contas de casa que incluem compra de comida, água e energia. Alguns pagam as referidas contas na totalidade e outros parcialmente. Alguns têm terrenos para construir casa própria, planeiam alugar e ganhar recursos adicionais para continuar a contribuir para cuidar de si e dos membros da família.

Esse cenário leva-me a considerar que os participantes, que vivem na casa dos pais, cuidam destes, dos irmãos e de si próprios, mesmo quando tem possibilidade de viver em outro lugar, diferentemente das explicações de Grum e Salaj (2016) para quem os jovens adultos compartilham os mesmos espaços com as suas famílias devido a falta de espaço nas zonas urbanas para adquerir novas casas, de dinheiro e de financiamento para jovens adultos por parte do governo.

6. Considerações finais

A presente pesquisa analisou o cuidado nos agregados entre jovens que residem na casa dos pais depois de casados. Durante a revisão de literatura, primeiro identifiquei duas linhas de discussão. Uma primeira que defende que a permanência dos jovens casados na casa dos pais representa uma quebra da sequência de transição da juventude para a vida adulta (Lins de Barros 2010 e Bunge 2012) e uma segunda defende que a permanência dos jovens casados na casa dos pais é uma forma de incorporação de uma família na outra (Azevedo 2013; Da Costa 2015; Vieira e Rava 2012).

Paralelamente, a medida que analisava os dados percebi que um dos aspectos centrais entre os participantes era a questão do cuidado, uns dos outros, nos agregados e essa situação levou-me a uma terceira linha de discussão sobre cuidado e que que as pessoas nas suas relações são responsáveis pelo cuidado uns dos outros (Kuhnen 2010; Noddings 1984; Pintassilgo 2000; Martins 2009).

As primeiras duas linhas de discussão centram a sua análise na casa como elemento principal no desenrolar das relações nos agregados, facto que torna importante saber se as pessoas depois de casadas vivem em casa própria ou se continuam na casa dos pais. Entretanto, ao assumirem a centralidade da casa perdem de vista outros elementos que podem ser importantes nos relacionamentos, nos agregados, para além das casas. Por seu turno a terceira linha de discussão, sobre cuidado, fornece uma base a partir da qual é possível analisar o cuidado nos agregados.

Para compreender a lógica do cuidado nos agregados realizei uma pesquisa etnográfica a partir de um conjunto de cinco casais residentes no bairro de Zimpeto, orientada pela teoria trazida por Kuhnen (2010) que defende as no âmbito das suas relações quotidianas as pessoas preocupam-se em cuidar umas das outras.

Realizei uma pesquisa etnográfica a partir da qual percebi que os participantes viviam na casa dos pais, com os próprios pais e seus irmãos, durante esse período os mais velhos pagavam as contas dos mais novos desde a alimentação, a compra de material escolar e ainda cuidavam deles

em caso de doença. E segundo percebi que os participantes fazem trabalhos e com o dinheiro ganho cuidam de si, dos parceiros, dos filhos, dos pais e dos irmãos e pagam contas de casa que incluem compra de comida, água e energia. Alguns pagam as referidas contas na totalidade e outros de forma parcial. Alguns mesmo quando tem terrenos para construir casa própria, planeiam aluga-la e ganhar recursos adicionais para continuar a contribuir para cuidar de si e dos membros da família.

A partir desses resultados considero que os participantes vivem na casa dos pais como parte de uma lógica de cuidado que orienta a vida no seu contexto, onde as pessoas mais velhas, sejam eles pais ou irmãos, cuidam dos mais novos, filhos ou irmãos e parceiras, e filhos cuidam dos pais em um ciclo de ajuda mútua.

Assim, a centralidade do cuidado no cotidiano dos participantes é distinta da centralidade do morar ou não em casa dos pais presente na literatura analisada (Lins de Barros 2010 e Azevedo 2013) e alarga o debate sobre o cuidado para os agregados e não apenas para cuidado em saúde ou de idosos e crianças como ocorre na literatura analisada (Martins 2009).

Tratando-se de uma pesquisa exploratória o argumento apresentado em forma de hipótese pode ser aprofundado em pesquisas futuras com ênfase para a questão da ética do cuidado.

Referências

Azevedo, A. G. 2013. “Conquistas Cosmológicas: pessoa, casa e casamento entre os Khubeka de Kwazulu-Natal e Guateng”. Brasília. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília para obtenção do título de Doutora em Antropologia Social.

Bernard da Costa, A. e Rodrigues, C. 2007. *Estratégias de Sobrevivência de Famílias em Luanda e Maputo*. Lisboa: Livros editora, Pp: 113-122.

Brandão, T. Saraiva, L e Matos, M. P. 2012. “O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: Especificidade do contexto português e brasileiro”. *Análise psicológica*, Vol. 30, Nº 13, Pp: 301-313.

Borges, C de C. e Magalhães, A. S. 2009. “Transição para a vida adulta: autonomia e dependência na família”. *Psico*, Vol. 40, Nº 1, Pp: 42-49.

Borges-Duarte, I. 2010. “A fecundidade ontológica da noção de cuidado. De Heidegger a Maria De Lourdes Pintasilgo”. *Editora exaquo. Universidade de Évora*. Nº 21, Pp: 115-131.

Bunge, M. Galantine, N. Hauck, A. Marconi, A. e De Felice, E. 2012. “O jovem adulto que reside com os pais: um estudo exploratório”. *Mudanças-Psicologia da Saúde*, Vol. 20, Nº 1 e 2, Pp: 51-62.

Cabral, J. P. 1991. *Os Contextos de Antropologia*. Lisboa: Difel, Pp: 109-161.

Carter, B. e McGoldrick, M. 1995. *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2ª Edição.

Conselho Municipal de Maputo. 2010. *Perfil do Município de Maputo*. Instituto Nacional de Estatística. Cidade de Maputo. Disponível em: www.cmmmaputo.gov.mz.

Coutinho da Costa, C. E. 2015. “Revisitando “Família e Transição”: família, terra e mobilidade social no pós-abolição: Rio de Janeiro (1888-1940)”. *Revista Brasileira de História*, Vol. 35, Nº 69, Pp: 35-58.

Fleming, M. 1993. *Adolescência e Autonomia: Desenvolvimento Psicológico e Relação com o Pai*. Porto: Edições Afrontamento.

Geertz, C. 1978. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.

Grum, B. e Salaj, T. A. 2016. “Intergenerational living: In intercultural comparison”. *Urban Izziv*, Vol. 27, Nº1, Pp: 162-175.

Handelman-Shangar, L. Belkin, R. 1984. “They wont’s stay home forever: Patterns of home space allocation”. *Urban Anthropology*, Vol.13, Nº1, Pp:117-144.

Kuhnen, T. A. 2015. *O princípio universalizável do cuidado: superando limites de gênero na teoria moral*. Florianópolis. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Lins de Barros, M. M. 2010. “Trajetórias de jovens adultos: Ciclo de vida e mobilidade social”. *Horizontes Antropológicos*, Vol.16, Nº 34, Pp: 71-92.

Marini, C. R. M. 2013. *Desenvolvimento e dependência*. Brasília: Ipea, Pp: 1-240.

Marconi, M e Lakatos. 2003. *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 5º edição.

Martins, A. A. 2009. “Antropologia integral e holística: cuidar do ser e a busca de sentido. BIOETHIKOS”. *Centro Universitário São Camilo*, Vol. 3, Nº 1, Pp: 87-99.

Mosmann, C. e Heckler, V. I. 2014. “Casais de dupla carreira nos anos iniciais do casamento: Compreendendo a formação do casal, papéis, trabalho e projetos de vida”. *Barbarói*, Nº 41, Pp: 119-147.

Neto, J. B. A. 2014. “Entre indivíduo e pessoa: contribuições para uma ética do cuidado”. *Revista da SORBI*, Vol. 2, Nº 2, Pp: 2-15.

Pais, J. M; Cairns, D e Pappámikail, L. 2005. “Jovens europeus retrato da diversidade”. *Revista de sociologia da USP*, Vol. 17, Nº 2, Pp: 109-140.

Pinho, O. 2011. “A Antropologia na África e o Lobolo no Sul de Moçambique”. *Afro-Ásia*, Nº. 43, Pp: 9-41.

Quivy, R e Campenhoud, L. V. 2003. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva, Pp: 7-191.

Ruiz, R. C. 2015. “Reflexos de Moçambique na narrativa para crianças e jovens: Um estudo da obra *O Homem que não podia olhar para trás*”. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção de Mestre.

Sabourin, E. 2006. Ajuda mútua rural, entre intercâmbio e reciprocidade. *In 1º encontro de rede rural*. 4-7. Niteroi: Universalidade Federal Fluminense.

Santos, R. M. 2013. “Kant, Foucault e o cuidado de si. Kant e-Prints”. *Campinas, Série 2*, Vol. 8, Nº 2, Pp: 85-101.

Vieira, A. C. S. e Rava, P. G. S. 2012. “Ninho cheio: perspectivas de pais e filhos”. *Psicologia: teoria e prática*, Vol. 14, Nº 1, Pp: 84-96.

Vinuto, J. 2016. “A amostragem em bola de neve na pesquisa quantitativa: um debate aberto”. *Temáticas*, Vol. 22, Nº 44, Pp: 202-218.

Zatti, V. 2007. *Autonomia e Educação em Immanuel Kant e Paul Freire*. Porto Alegre: EDIPURS, Pp: 9-79.

Zoboli, E. L. C. 2004. “A redescoberta da ética do cuidado: o foco e a ênfase nas relações”. *Revista Escola de Enfermagem da USP*, Vol. 38, Nº 1, Pp: 21-27.

Zuben, N. A. 2012. “Vulnerabilidade e Finitude: a ética do cuidado do outro”. *Síntese - Revista de Filosofia*, Vol. 39, Nº 125, Pp: 433-456.